

Fator Humano: Três instâncias fundamentais na experiência humana

Introdução

Por meio desta nota técnica abordamos três instâncias fundamentais na experiência humana que afetam diretamente a nossa capacidade de tomada de decisão. Não temos a pretensão de ser exaustivos, mas sim formular alguns conceitos de modo sintético e simples, partindo de questões do dia a dia para chegar a uma melhor compreensão da complexidade do ser humano e trilhar o caminho da sabedoria.

Buscando fundamentos antropológicos e ontológicos, tratamos de discorrer sobre o que existe de mais intrínseco e intransferível em cada pessoa. Procuramos estabelecer parâmetros para o bom entendimento do conceito de **Liberdade** em todo processo de escolha e tomada de decisão, e tratamos de ressaltar sua ligação necessária com o bom juízo e a capacidade de julgamento, lançando mão do conceito de **Consciência** como fator determinante presente em qualquer escolha.

Ao mesmo tempo, após estabelecer o necessário nexos entre Liberdade e Consciência, estendemos o nosso olhar para a realidade ao nosso redor, colocando foco no último elo que ilumina o processo de tomada de decisão, tornando-o realmente virtuoso e destacando o que de mais transcendente podemos encontrar: a **Verdade**.

Nota Técnica da divisão de pesquisa do ISE Business School. Preparada pelo professor Cesar Bullara, do Departamento de Gestão de Pessoas. Novembro de 2023.

Copyright © 2023, ISE Business School

É proibida a reprodução, total ou parcial, a transmissão em forma alguma (eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou outro procedimento) sem autorização por escrito do ISE Business School.

A Liberdade

Liberdade é um conceito fundamental na experiência humana, um ideal que buscamos constantemente ao longo de nossas vidas. A liberdade é, muitas vezes, associada à capacidade de fazer escolhas, mas essa definição simples não captura toda a complexidade desse tema crucial. Neste ensaio, exploraremos a liberdade de forma mais profunda, a fim de compreendermos sua verdadeira natureza e importância em nossa existência.

A primeira faceta da liberdade que devemos examinar é sua relação com nossos impulsos naturais. Quando agimos por impulso, sem considerar as consequências de nossas ações, corremos o risco de tornar-nos escravos de nossos próprios instintos e desejos momentâneos.

Para sermos verdadeiramente livres, devemos aprender a controlar nossos impulsos, a considerar as ramificações de nossas ações e a escolher com sabedoria. Isso implica desenvolver a capacidade de autorreflexão, avaliando nossos desejos e motivações, e não apenas agindo de acordo com o que nos é mais imediatamente atraente. A verdadeira liberdade reside em nossa habilidade de dominar nossos impulsos e escolher com base no que acreditamos ser melhor a longo prazo, em vez de ceder às gratificações instantâneas.

Também notamos que nossas escolhas são frequentemente moldadas por influências externas, como a mídia, a propaganda e a cultura. Como seres sociais, somos suscetíveis à influência do ambiente que nos cerca. Muitas vezes, acreditamos que estamos fazendo escolhas livres quando, na realidade, estamos simplesmente respondendo a essas influências sutis e poderosas. Para alcançar uma liberdade verdadeira, é imperativo que desenvolvamos um senso crítico para discernir entre escolhas autênticas e aquelas que são ditadas por fatores externos.

Aqui, surge um ponto interessante. Reconhecer essas influências externas não nega nossa liberdade, mas nos permite exercê-la de maneira mais consciente e informada. É uma parte essencial da busca pela liberdade genuína. Portanto, nossa liberdade não é uma luta solitária contra influências externas, mas sim uma jornada de autoconhecimento e autodeterminação, em que aprendemos a fazer escolhas informadas em um mundo complexo e influenciador.

A noção de que a nossa liberdade tem suas limitações também é fundamental. A liberdade não é absoluta, e somos confrontados com diversas limitações em nossas vidas. Algumas dessas limitações são de natureza econômica, enquanto outras são internas, relacionadas ao nosso temperamento e personalidade. A sociedade em que nascemos e vivemos também estabelece limites por meio de regras políticas, valores culturais e normas sociais. Portanto, nossa liberdade é relativa à nossa posição dentro desses contextos e reconhecer essas limitações é essencial para uma compreensão mais profunda da liberdade.

Essas limitações não devem ser vistas como impedimentos à liberdade, mas como desafios a serem superados. Mesmo quando confrontados com restrições econômicas ou limitações pessoais, ainda temos a capacidade de fazer escolhas que refletem nossos valores e aspirações. A verdadeira liberdade não é a ausência de limitações, mas a capacidade de agir com autenticidade e integridade dentro dessas limitações.

A busca pelo conhecimento desempenha um papel crucial em nossa compreensão da liberdade. No entanto, esse conhecimento não se restringe apenas à esfera científica. O conhecimento moral

também é essencial para nossas escolhas. Escolher algo não é apenas uma questão de preferência pessoal; também envolve o reconhecimento do que é verdadeiramente bom para nós e para a sociedade como um todo.

Essa dimensão moral da liberdade nos leva a considerar o propósito de nossas escolhas. Às vezes, em nossa busca pela liberdade, podemos nos perder em escolhas que nos tornam escravos de nossas próprias expectativas ou impulsos momentâneos.

A liberdade autêntica está alinhada com um propósito mais profundo, com escolhas que nos levam à felicidade autêntica e à contribuição para o bem comum.

Este é o elo perdido quando abordamos o tema da liberdade. Podemos compreender facilmente que, quando escolhemos, temos em mente algo que queremos obter, há uma motivação de fundo, existe uma finalidade embutida e inerente a cada escolha. O que muitos não sabem é que todos estes pontos levantados podem ser reduzidos a uma explicação: sempre que escolhemos algo, fazêmo-lo movidos pelo “desejo” de alcançar ou conseguir aquilo que, para nós é visto como um bem. Portanto, na realidade, nossas escolhas são definidas implicitamente por este parâmetro relativo ao bem que nos interessa conseguir. Neste ponto, vemos a necessidade de avançar no estudo da consciência e da verdade como instâncias necessárias para refinar a ideia pessoal e subjetiva sobre qual é o bem que devo buscar e desejar.

Assim sendo, a verdadeira liberdade não está apenas em fazer escolhas, mas em escolher com um propósito genuíno que contribua para nossa realização pessoal e para o bem-estar dos outros.

Em última análise, a compreensão da liberdade e das escolhas humanas é um tema complexo e multifacetado. Não se trata apenas da capacidade de escolher, mas também da consciência de nossas influências externas, limitações internas e discernimento moral. A busca pela liberdade deve ser acompanhada pelo desejo de escolher o que é verdadeiramente bom, não apenas para nós mesmos, mas também para a sociedade em geral.

Em resumo, a liberdade é uma jornada que envolve a capacidade de autodeterminação, a escolha de ações que nos libertem, a conscientização de nossas limitações e a responsabilidade ética de nossas escolhas. A liberdade é mais do que uma simples escolha; é uma expressão de nossa humanidade e da busca constante pelo que é verdadeiramente significativo e valioso em nossas vidas. Ao considerar essas complexidades, podemos encontrar uma liberdade autêntica e profunda que nos guiará em direção a uma vida mais satisfatória e realizada.

A Consciência

O ser humano, ao contrário dos animais que agem principalmente por instinto, é dotado de uma faculdade racional que o coloca em um patamar mais elevado. Essa distinção entre instinto e razão é crucial para compreender a complexidade do comportamento humano. Enquanto os animais são guiados por padrões instintivos, o ser humano é capaz de transcender esses impulsos e agir com base em sua racionalidade.

A consciência surge como um elemento muito importante nesse contexto. Ela não apenas denota o estado de vigília, mas também incorpora a capacidade de autoconhecimento e a percepção

da realidade. O autoconhecimento é a chave para a compreensão de si mesmo, de seus valores e princípios mais profundos. Esse conhecimento interno proporciona uma base para a tomada de decisões informadas e éticas.

Ao analisar a relação entre consciência e liberdade, emergem questionamentos relevantes. A liberdade, nesse contexto, não é apenas a capacidade de fazer escolhas, mas a habilidade de fazer escolhas alinhadas com o bem¹. A liberdade, portanto, está intrinsecamente vinculada à consciência moral, à capacidade de discernir entre o certo e o errado.

A consciência não apenas proporciona conhecimento sobre as escolhas disponíveis, mas também implica a responsabilidade de enfrentar as consequências dessas escolhas. A consciência, nesse sentido, é como uma bússola, um guia interno, que ajuda a determinar se o caminho escolhido é benéfico ou prejudicial.

O processo de amadurecimento da consciência ao longo do tempo é uma reflexão interessante. À medida que o conhecimento de si mesmo se aprofunda, a percepção das escolhas e de seu impacto também evolui. Essa evolução não é apenas individual, mas também pode ocorrer em contextos sociais e organizacionais. A coerência entre a consciência individual e as normas sociais é um aspecto essencial para a integridade ética.

A análise da realidade da consciência individual também nos leva a considerar o autoconhecimento como uma ferramenta para resistir a pressões externas que podem minar a liberdade individual. Situações em que as pessoas são confrontadas com dilemas éticos, como no ambiente de trabalho, ilustram como a consciência pode ser um fator determinante na preservação da integridade pessoal.

Finalmente, a consciência individual é apresentada como uma lente que permite avaliar não apenas as escolhas pessoais, mas também as escolhas coletivas e sociais. Neste sentido, chegamos ao conceito mais fundamental sobre a consciência: sua dimensão moral. A compreensão da consciência como um guia para o discernimento ético e a busca pelo bem comum destaca seu papel vital na construção de uma sociedade fundamentada em valores.

Portanto, a interligação entre consciência, liberdade e autoconhecimento desvela uma trama intrincada que molda a conduta humana. A exploração contínua desses conceitos pode enriquecer nossa compreensão do que significa ser verdadeiramente consciente e livre em meio às complexidades da vida.

A verdadeira liberdade não é apenas a capacidade de escolher, mas a sabedoria de escolher com a consciência. A liberdade não é descomprometida; está enraizada na compreensão de que as escolhas que fazemos têm ramificações, não apenas para nós mesmos, mas também para os outros ao nosso redor.

A consciência age como o guia inato, distinguindo entre escolhas meramente permissivas e aquelas que genuinamente refletem a essência da liberdade. Não é tão somente uma questão de agir, mas de agir em conformidade com uma consciência que é, no seu cerne, moral², e que alinha as escolhas com uma compreensão autêntica da realidade.

1 O tópico anterior, relativo à liberdade, confere uma sucinta explicação sobre o significado conferido ao termo bem.

2 A consciência é, por definição, moral. Podemos entender a consciência como sendo a razão enquanto capaz de voltar-se sobre si mesma e sobre as escolhas e decisões tomadas, emitindo um juízo sobre a bondade ou maldade de ditas ações. Este é o chamado juízo moral, uma realidade experimentada por todos nós. Todos sentimos remorsos ou contentamentos sobre a maneira como nos comportamos e sobre as decisões que tomamos. É a manifestação prática da experiência moral, presente em todo ser humano.

A consciência é muito mais que uma simples testemunha, é uma participante ativa na forja das escolhas éticas cotidianas. Sua profundidade manifesta-se na identificação do bem, do dever e do certo, na integridade da liberdade e na busca pela verdade.

A Verdade

A filosofia, ao longo de sua história, tem sido um campo de incessante indagação sobre a natureza da verdade e sua relação com a consciência e a liberdade humanas. Este ensaio aborda profundamente essa busca pela verdade e suas implicações na formação de uma liberdade consciente, expandindo o diálogo filosófico apresentado anteriormente e explorando aspectos ontológicos e éticos.

A verdade, como ponto de partida, é discutida em duas dimensões distintas: a verdade lógica e a verdade ontológica. Enquanto a verdade lógica refere-se à coerência interna do pensamento, a verdade ontológica é a essência intrínseca das coisas, sua existência independente da percepção humana.

A jornada filosófica é concebida como uma busca pela verdade ontológica, não como uma retirada arbitrária da mente, mas como uma abertura consciente para a realidade. Filosofar, portanto, é entender, não extrair, a realidade de nossas mentes. A consciência, desempenhando um papel central nesse processo, permite que nos inundemos com a verdade essencial das coisas, quer dizer, a verdade que está contida na realidade de cada coisa. A verdade é então conectada à consciência e à compreensão da realidade. Conhecer é muito mais do que acumular informações; é, na verdade, abrir-se para a realidade circundante. O processo de nomear e expressar as essências das coisas por meio da linguagem torna-se uma ferramenta para a manifestação dessa verdade.

Contudo, a busca pela verdade não é isenta de desafios. As percepções individuais, influenciadas por uma miríade de fatores, podem distorcer a verdade, tornando-a multifacetada e, às vezes, elusiva. As diferentes perspectivas, conhecimentos e disposições das pessoas complicam ainda mais a compreensão unívoca da verdade.

A verdade, neste contexto, transcende a mera correspondência lógica; é também uma questão ética e moral. A discussão estende-se para o papel da verdade nas relações sociais e nas decisões políticas. Muitas vezes, a falta de exercício da consciência leva as pessoas a aceitarem como verdade afirmações pré-estabelecidas sem quaisquer questionamentos.

A reflexão sobre a verdade das coisas e das realidades que encontramos no mundo, também chamada de verdade ontológica, e sua relação com a liberdade nos leva à conclusão de que a realidade existe independentemente de nossa percepção, e a verdade é a descoberta dessa realidade. A busca pela verdade é fundamental para a filosofia, pois sem ela o saber filosófico ou a conquista da sabedoria, seria inatingível. A razão, como uma faculdade da mente humana, é apresentada como a chave para desvendar a verdade ontológica e, assim, iluminar nossa compreensão do mundo.

Além disso, a filosofia também se preocupa com a relação entre a busca pela verdade e a construção da liberdade consciente. A liberdade não é apenas a ausência de restrições externas, mas a capacidade de agir de acordo com o juízo de consciência. Nesse contexto, o diálogo anterior sobre a importância de respeitar a liberdade e a consciência alheias ganha um novo significado.

A responsabilidade inerente à liberdade é reforçada, e a busca pela verdade é apresentada como essencial para o desenvolvimento humano e a construção de uma sociedade consciente e ética. A capacidade de questionar, refletir e compreender diferentes perspectivas emerge como um elemento vital para a formação de uma liberdade que não é apenas um exercício de vontade, mas também um ato ético e consciente.

Em resumo, a busca pela verdade e a valorização da liberdade como ato consciente são pilares fundamentais da filosofia. A verdade ontológica é concebida como a essência das coisas, a realidade intrínseca que existe independentemente da nossa percepção. A consciência desempenha um papel central na busca por essa verdade, enquanto a ética e a responsabilidade moldam a relação entre a verdade e a liberdade. A filosofia, assim, apresenta-se como uma jornada constante em direção à verdade e à liberdade como ato consciente, com a razão como guia nessa procura infindável pelo entendimento do mundo e de nós mesmos.

Bibliografia

ABBÀ, Giuseppe. Felicidad, Vida Buena Y Virtud: Ensayo de Filosofía Moral. Barcelona: Eiunsa, 1992.

ARISTÓTELES. Órganon. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: EDIPRO, 2020.

ARISTÓTELES. De Anima. São Paulo: Editora 34, 2006.

AURÉLIO, Marco. Meditações. São Paulo: Edipro, 2019.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. São Paulo: Edipro, 2018.

PLATÃO. A República. São Paulo: Lafonte, 2023.

PLATÃO. Fédon. São Paulo: Edipro, 2011.

PLATÃO. Teeteto. São Paulo: Aneas Edições Loyola, 2020.

SANTO AGOSTINHO. A Cidade de Deus. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

SANTO AGOSTINHO. Sobre o Livre-Arbitrio. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

AQUINO, Santo Tomás de. Questões disputadas sobre a verdade. Traduzido por Maurílio Camello. Editora: Ecclesiae, 2023.